

Figuras da Social

* * * *

ELISEU RECLUS

O estudo dos grandes tipos da Humanidade exerce uma poderosa influencia na elevação do caracter, por essa tendencia automatica que actua no maior numero pela forma de *imitação*. — Teófilo Braga.



Publicação do *Germinal*—Editor, A. Machado

* * * *

OFICINAS GRAFICAS

Rua do Poço dos Negros, 81

LISBOA, 1915

Shi

Revista Social

ELISEU RECLUS

O mundo das grandes ideias de Reclus...
Eliseu Reclus foi um anarquista á parte, «hors ligne»,
respeitavei, imponente, sacerdotal.—«Diario Universal»,
de Madrid.

O seu metodo de propaganda podia resumir-se nesta re-
gra bem simples e bem fecunda: dar o belo exemplo.—**H. Amoré.**

Junto d'ele fazia-se uma cura de altitude moral.—**Des-
caves.**

O excesso de indulgencia e de bondade é o unico de-
feito que conheci no meu querido e saudoso amigo Eliseu
Reclus.—**A. Colleau.**

Era um tipo «representativo», o prototipo de uma ul-
tima evoluçao da raça, em que se reuniam as virtudes e
as forças que movem a humanidade para os mais altos
cumes e as mais gloriosas conquistas.—**E. Frugoni.**

O seu influxo na sciencia geografica marca uma nova
epoca. Agora, a Geografia não é uma sciencia morta,
arida, descritiva, monografica, sem transcendencia social
nem espirito filosofico; é, graças a Reclus principaimen-
te, sciencia viva, evolutiva, cheia de encantos, penetrada
do espirito da filosofia naturalista e servidora fiel das
grandes reivindicações sociais. Aproveitando as incessan-
tes conquistas das Sciencias Naturais, alarga o seu cam-
po: infiltrada pelas correntes modernas, converte-se em
Sciencia Social; porque, sem duvida alguma, o caracter
mais saliente do movimento intelectual contemporaneo é
a «socialização da Sciencia», e desta salutar corrente foi
Reclus um dos impulsores mais poderosos.—**O. de
Buen.**

Publicação do Journal—Editor A. Machado

OTIMAS GRATICAS

Ilus do Fogo das Fogueiras

LIBROS, etc



FIGURAS DA SOCIEDADE

EU não creio, como vós, que a revolução seja feita de cima, principalmente pela intervenção dos homens de sacrificio e de boa vontade. A revolução será feita sobretudo de baixo, pelos homens cuja gravitação natural é para um estado novo. Se a palavra interesse não fosse de ordinario tomada á má parte, eu diria que a revolução será feita pelos que teem interesse em fazê-la; mas prefiro dizer que ela se fará por acomodação natural dos homens ao seu meio normal. Quere isto dizer que não contemos tambem com o apoio de todas as pessoas de coração que, lutando contra os seus proprios interesses pessoais, servem a causa da multidão? Sem duvida que não. Eu não esqueço que todos os que pelos seus escritos deram nome aos grupos de reivindicações, eram pessoalmente interessados em que se mantivessem os privilegios. Mas se elles formularam as ideias, graças á sua instrução superior, não lhes cabe o prazer de transformar as ideias e as paixões em factos. Sempre a revolução se fez em baixo. Nos de cima, as ideias e as afinidades pessoais encontram-se em luta; nos de baixo estão de accordo. Dahi uma enorme superioridade de força nestes.

Por elevado que seja o nosso ideal, elle é bem pouca coisa em comparação com os progressos imaginaveis. Seria, pois, da nossa parte um logro, se, a pretexto de possibilismo, estivessemos apaixonados pela nossa concepção de uma sociedade justa e nós saracoteassemos para obter falsas reformas, mais ou menos edulcoradas de um tantito de justiça. O que nós temos a fazer, durante esta vida de um dia, é dizer com honestidade e simplicidade o nosso pensamento e incitar com todas as nossas forças á realização do que julgamos ser a verdade. Sem duvida, a historia diz-nos bem alto que a nossa revolução, por mais energica e lial que a desejemos, não passará de uma evolução minima e ficar-se-á provisoriamente em reformas, porque a lei do paralelograma das forças é verdadeira em historia como em mecanica; mas, ao menos, teremos empregado todos os nossos esforços para que a resultante seja tão pro-

xima quanto possível da linha recta. São todas as forças ligadas para a resistencia, que levam a humanidade a seguir o caminho obliquo, em vez do caminho direito.

*

No ponto de vista revolucionario, fujo de preconisar a violencia, e fico desolado quando alguns amigos, arrastados pela paixão, se deixam levar pela ideia de vingança, tão pouco scientifica, esteril. Mas a defesa armada de um direito não é a violencia. Se é verdade, como julgo, que o produto de um trabalho comum deve ser propriedade comum, reivindicar o que nos pertence não é fazer apelo á violencia; se é verdade, como julgo, que ninguem tem o direito de se apropriar da liberdade de outrem, aquele que se revolta permanece a dentro do seu direito strito.

*

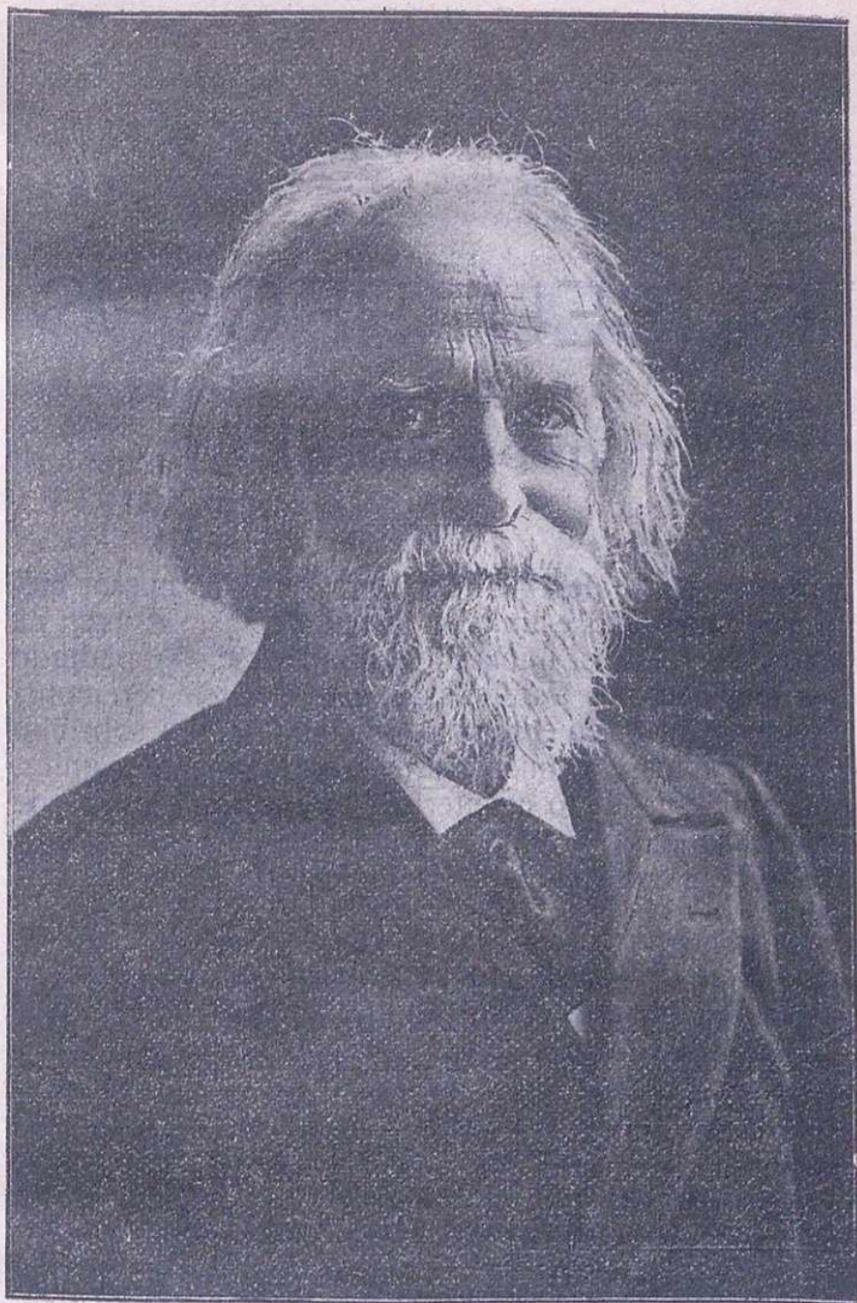
Assistindo a este massacre continuo que se chama civilização e que lança os povos sob os tacões dos reis, os pobres nos laminadores das fabricas dos ricos, e as crianças nas fauces de monstros, eu não posso deixar de gritar: «Revolta! Revolta!», porque tenho o sentimento da solidariedade para com todos os que sofrem. E' por amor que eu dou este grito, que não é, acredite, um grito de odio.

*

O facto de a sociedade actual ser uma coisa impossivel e poder qualificar-se de falencia continua, perpetua, assim no seu conjunto, como nos seus grupos nacionais ou familiares, não prova, confesso, que o nosso sonho de equidade seja realizavel. E' verdade isso. E porque o é, respondo simplesmente: ou nós podemos realizar esse sonho para toda a sociedade, e nesse caso devemos trabalhar com energia; ou só podemos realiza-lo para um pequeno numero, e nesse caso, ainda devemos trabalhar. Porque se não ha de fazer desabrochar um pequeno oasis de paz, de respeito mutuo, de igualdade, no meio do deserto imenso?

*

E' pelo caracter pessoal que se faz a verdadeira propaganda. As melhores ideias expostas por impotentes ou fracos parecem destituidas de importancia e de virtude. Cabe-vos a vos pó-las em relevo, fazé-las acolher com simpatia, dado o impeto da vossa coragem, a elevação do vosso pensamento e a dignidade da vossa vida.



Eliseu Reclus

Os que procuram simplesmente a verdade não teem que fazer circumloções. Eu sou anarquista e não me incomodam os epitetos de «doido» e «des-trambelhado» que as minhas opiniões chamam sobre mim.

(Em uma carta de 18 de Julho de 1892).

ELISEU RECLUS

(1830-1905)

A 4 de Julho de 1905, perdemos um dos nossos melhores camaradas e amigos, Eliseu Reclus. Morreu na idade de 75 anos, numa aldeiazita belga, (1) pedindo aos seus parentes e amigos que não fizessem cerimonia alguma para o seu enterro, e rogando ao seu sobrinho Paulo que fosse a unica pessoa, absolutamente a unica, a acompanhá-lo ao cemiterio. Foi enterrado ao pé de seu irmão Elias, o amigo intimo de toda a sua vida.

São bem conhecidos os factos exteriores da sua carreira.

Natural de Sainte-Foy-la-Grande, na Gironda, (2) filho de um pastor (padre) protestante, frequentava com seu irmão Elias a faculdade protestante de Montauban, quando os dois se decidiram a deixar a teologia e partiram, a pé, para Berlim, a fim de seguirem os cursos do grande geografo alemão, Karl Ritter. Estavam na Alemanha, um e outro, no decurso da Revolução de 1848. (3).

(1) Tourouts, perto de Ostende.

(2) Nasceu a 15 de Março de 1830.

(3) Na idade de 12 anos—diz um escritor, á vista dos dois volumes publicados da sua Correspondencia Eliseu foi mandado para Neuwied, na Alemanha, para o collegio dos Irmãos Moravios, ao zelo religioso dos quais o pastor Reclus votava uma admiração particular. Aos 20 anos achava se nesse collegio, na qualidade de professor; mas ao cabo de três meses, entrou a sentir-se num meio desfavoravel, e pouco depois deixou Neuwied. Apareceu mais tarde em Berlim, continuando os seus estudos (teologia, geografia, economia politica, etc.) e dando lições para viver. No estio de 1851, juntou-se a seu irmão Elias, que acabava de terminar os seus estudos em Strasburgo, e decidiram ambos, com um pouco mais de 30 francos, dirigir se a pé, a casa dos pais, em Orthez. Ahi se encontravam no momento do golpe d'Estado.

Havendo então regressado a França, logo tiveram de a deixar, após o golpe d'Estado de Napoleão III. Em 1852 Eliseu estava em Londres. Dahi passou á Irlanda, depois á America, onde fez a viagem por êle contada mais tarde em um livro encantador (*Viagem á Serra Nevada de Santa Marta*).

Os dois irmãos só em 1857 se encontraram de novo em França, e Eliseu entregou-se logo aos seus trabalhos geograficos. A *Historia de um arroio* (livro de uma rara beleza) e a *Terra, descrição dos phenomenos do globo* deram-lhe imediatamente a fama de grande geografo.

Declarada a guerra franco-alemã, Eliseu alistou-se na guarda nacional, no batalhão dos aeronautas do seu amigo Nadar, que prestou tão grandes serviços a Paris durante o cerco.

Após a guerra veiu a Comuna, e Eliseu, recusando todos os oferecimentos de mando, pegou numa espingarda e entrou nas fileiras dos federados. Tomou parte na sortida contra Versalhes, a 5 de Abril de 1871, que foi recebida pelos canhões do Monte Valeriano, e ahi foi feito prisioneiro. Conheceu todos os horrores das prisões de Versalhes, de Satory, etc. Em novembro foi condenado a deportação.

Uma petição dos sabios ingleses, assinada por Darwin, Wallace e muitos outros, restituiu-lhe a liberdade. (5) Foi estabelecer então a sua residencia na Suíça, onde a principio publicou, com Lefrançais e Jukovsky, uma revista socialista, *Le Travailleur* (O Trabalhador), e mais tarde se tornou o amigo e o activo colaborador do *Révolté* (O Revoltado). Conservou a mesma amizade por *La Révolte* (A Revolta) e *Les Temps Nouveaux* (Os Tempos Novos), onde colaborou até á morte.

Na Suíça escreveu um outro livro encantador, *Historia de uma montanha*, e entregou-se á sua obra colossal: *Geografia Universal — a Terra e os Homens*. Toda a imprensa scientista e popular prestou homenagem a esta obra monumental, que dá, em 19 grossos volumes, a primeira e a melhor descrição seguida

(4) Um protesto unanime—diz o escritor a que noutra nota nos referimos—dos mais illustres escritores e sabios da epoca obrigou o governo francês a comutar a pena de deportação na de dez anos de expulsão; e em fevereiro de 1872, Eliseu Reclus, numa carruagem celular e algemado, dirigia-se para a Suíça.

de toda a Terra e de todos os seus habitantes. Com esta obra ocupou vinte anos da sua vida.

Muitas "geografias" semelhantes teem sido publicadas depois, umas condensadas em 3 ou 4 volumes, outras mais minuciosas em parte. Mas nenhuma dá uma tão admiravel *vista de conjunto* de cada região geografica e seus habitantes; nenhuma é inspirada pelo mesmo *amor do homem*, até aos seus mais humildes representantes.

Em 1892, por ocasião das ignobeis perseguições dirigidas em França contra os anarquistas, os dois irmãos, Elias e Eliseu, deixaram a França e foram residir em Bruxelas. Ahi, Eliseu empregou uma grande parte do seu tempo na sua criação, a Universidade Nova, no globo terrestre, no seu Instituto Geografico, e começou uma nova obra, *O Homem e a Terra*, que terminou alguns meses antes da sua morte. E' a historia do homem narrada quanto aos diversos meios que varias nações habitaram: a sua conclusão (o que a fez recusar por muitos grandes livreiros) é a *Anarquia*. A Anarquia é, para Eliseu, a ultima palavra da evolução humana, o ponto para o qual a civilização humana marcha necessariamente.

*

Tal é a obra enorme de geografia e de historia, realizada por Eliseu Reclus. Não é, porém, só a obra de um sabio geografo: traz em tudo o cunho do anarquista profundamente convicto que era Eliseu; e é grande porque traz esse cunho.

A hipotese de um criador ou de uma divina sabedoria dirigindo o homem nos seus destinos, não se encontra na obra de Eliseu Reclus, como não se encontra no *Sistema do Mundo* de Laplace. Igualmente, a hipotese dos governos e dos homens providenciais conduzindo a humanidade para os seus fins, acha-se dela absolutamente banida. O homem, desde o mais humilde selvagem, aparece ahi tal qual é: cheio de boas intenções, mas ignorante e por isso tornando-se facilmente a presa do pavor que lhe inspiram a natureza incompreendida e os feiticeiros, explorado em todas as latitudes por minorias de governantes, e conservando por toda a parte um fundo de bonomia infantil, que se traduz nos seus costumes primitivos e nas suas instituições sociais.

Quanto mais livre o homem é e menos governado, melhor é.

E o amor da natureza e do *homem livre* ressalta de cada pagina dessa obra. E' a obra de um grande geografo, mas é tambem a obra de um profundo anarquista.

O espirito anarquista era com efeito o fundo da natureza de Eliseu Reclus. Nunca êle procurou dominar, governar qualquer pessoa. E por isso não se deixava dominar, nem sofria imposições. Sempre, em toda a parte, se considerava igual a outro qualquer. Impressionou-me muito este facto no dia em que pela primeira vez entrei no seu gabinete de trabalho, convidado por êle para o ajudar na redacção do volume sobre a Asia Russa. «Que é necessario fazer? perguntei-lhe. — Tem ahi livros, tem ahi provas — faça o que quizer!» A principio o meu espanto era grande. Mas dois ou tres dias depois, reconhecia que era aquele o verdadeiro meio de organizar a colaboração, a fim de ser mais proveitosa e mais expedita.

Este sentimento de igualdade, Eliseu não o abandonava nunca. Chegado a uma localidade, na Europa ou no fundo da America do Sul, êle ia, antes de mais nada, procurar o grupo anarquista, ou o jornal anarquista ou o unico anarquista do sitio, e perguntava em que podia ser util naquele momento.

Se lhe diziam: «Ha ainda a escrever 30 linhas para o jornal, sobre tal facto em Espanha», êle pegava no papel e escrevia ao canto de uma mesa as 30 linhas, nem mais nem menos. E se — isto aconteceu em Montceau-les-Mines em 1882 — os camaradas lhe diziam que nossa noite iam demolir cruces, êle acompanhava-os e trabalhava com ardor na demolição. Este facto é geralmente desconhecido, mas êle mesmo m'o contou em Thonon.

Ainda mais. Quando se preparava o grande processo de Lyon, Eliseu dirigiu logo uma carta ao juiz de instrução, pondo-se á sua disposição, como co-responsavel nos acontecimentos da região lyonesa. Não o convidaram a comparecer! Estão-se a ver as respostas que êle teria dado...

Este espirito de igualdade — profunda, verdadeira — e este odio a toda a autoridade faziam de Eliseu Reclus uma das mais belas e mais verdadeiras personificações do espirito anarquista. Alem disso era profundamente comunista, e se uma colonia comunista se

fundasse, bastante vasta para lhe garantir a tranquilidade necessaria ao seu labor, em troca de 5 ou 6 horas de trabalho manual, teria sido profundamente feliz em fazer parte dela.

Precisava de ter em roda de si gente nova para a inspirar e para se inspirar, para remoçar no seu seio. Nunca ninguem o viu tão satisfeito como quando se encontrava em uma bela reunião *operaria*, imbuída de espirito *revolucionario*. Os seus olhos brilhavam então do entusiasmo da mocidade.

E' por isso que êle exerceu uma influencia tão profunda sobre uma longa geração de anarquistas, inspirando-lhes o sentimento da alta tarefa que nos incumbe para fazermos erguer o espirito de verdadeira igualdade e de completa liberdade no seio das massas, antes da Revolução que se aproxima e durante ela.

Para esta Revolução iam todos os seus votos. Se vivesse até vê-la rebentar, apesar dos seus 70 anos já passados, pegaria na espingarda mais uma vez e entraria nas fileiras dos combatentes, como fez em 1871.

P. Kropotkine.

*

Pequenos episodios. — Eliseu Reclus poude ser milionario e desprezou o dinheiro. As suas campanhas a favor de Lincoln, na *Revista dos Dois Mundos*, determinaram o ministro «yankee», em Paris, a oferecer-lhe um milhão de «dollars». Reclus, modestamente, mas com firmeza, negou-se a recebê-lo, dizendo: — «Eu trabalho pela justiça; não faço mais que o meu dever».

— Conduzido prisioneiro a Versalhes, — conta Lissagaray — um miseravel dessa multidão ignobil que insultava os vencidos, encarniçou-se mais particularmente contra êle e feriu-o. Nesse momento um dos colaboradores da *Revista dos Dois Mundos* reconheceu-o e correu a prevenir Thiers. Pouco depois Barthélemy Saint-Hilaire foi enviado junto de Eliseu Reclus a fazer-lhe compreender que para ser livre, lhe bastava exprimir um arrependimento, declarar que cederá a uma excitação. Reclus recusou. Insistiram com êle; supplicaram. Respondeu que obedecera á sua consciencia, que procederia ainda da mesma fórma, e que entendia dever partilhar a sorte dos seus camaradas. — Pouco depois partia com êles para Brest.

— Havia uns seis mêses — conta Colleau — que estavamos em Quêleru, quando o jesuita Jules Simon, então ministro do sinistro Thiers, julgou convenienie visitar alguns grupos de prisioneiros da Comuna.

Depois de haver passado pelas casamatas, o ministro recebeu no gabinete do director os que tinham reclamações a apresentar-lhe; e terminando a recepção, sem vêr Eliseu Reclus, pediu ao director que o mandasse chamar.

O guarda foi á enfermaria onde se encontrava o nosso amigo,

dar-lhe parte do desejo do ministro, obtendo esta resposta:—Eu não tenho nada a dizer ao ministro; se êle quere falar-me, que me procure».

—Uma vez—conta Nadar—oferecia-lhe uma pastilha de Vichy. Ele pegou-lhe, examinou-a, e restituiu-m'a. . . —E' bom para o estomago,—disse-lhe eu.—Sim, mas. . . E mostrou-me na marca da massa a palavra **Estado**.—Então tu não vês que isso é uma pieguice? Ele sorriu-se. . . e não tomou a pastilha.

—Eliseu—conta ainda Nadar—tinha estabelecido residencia em Sêvres. Um dia veio ver-me—com o seu bom humor habitual, e falando-lhe eu no roubo da sua biblioteca, que um jornal acabava de noticiar, disse-me:—Que importam os meus livros? Já tinha lido tudo quanto podiam dizer-me, agora vão servir a outros. E como, sem duvida, eu não lhe parecesse suficientemente á altura, acrescentou, reforçando a nota:—Demais, visto que eu não os dava, fizeram bem em tirar-m'os. . . E sorrindo sempre, esfregou vivamente as mãos,—o seu sinal corrente de alegria. . .

Outras notas.—No periodo de 1860-70, a participação de Eliseu Reclus no movimento social precisa-se, acentua-se. Colabora no jornal que seu irmão Elias dirige sob os titulos successivos de *Associação e Cooperação*, e preocupa-se nas suas viagens pela França, em recrutar aderentes ao Banco de «Credito de Trabalho», constituido para servir as cooperativas de produção. Encontra-se em relações seguidas com os principais militantes do movimento internacional da democracia republicana. Seu irmão e êle fazem parte da «Fraternidade Internacional», a agrupação secreta fundada por Bakunine. Em setembro de 1868, Eliseu toma uma parte activa no Congresso da Liga da Paz e da Liberdade e ahí pronuncia um discurso sobre a questão do federalismo, que «foi sem duvida a sua primeira adesão publica ao principio da Anarquia». A' saída do congresso, com Bakunine e mais 16 membros da minoria socialista revolucionaria, retira-se da Liga, onde dominava o liberalismo burguês, e funda a Aliança da Democracia Socialista. Em 1869 filia-se na Internacional.

—Em Abril de 1886 estive em Lisboa e em seguida visitou o Porto, em viagem de estudos geograficos. Em Lisboa encontrou-se com J. A. Cardoso, um dos anarquistas da epoca; e—diz-se—não foi sem influencia para a propaganda, o encontro.

—Os escritos de Eliseu Reclus, propriamente de propaganda anarquista, acham-se disseminados pelas publicações periodicas a esta consagradas, tendo sido alguns publicados em volume ou folheto. A citar: *Evolução e Revolução*, de que o livro *A Evolução, a Revolução e o Ideal anarquico* é o desenvolvimento, e em que se propõe demonstrar que Evolução e Revolução, longe de se contradizerem, devem considerar se dois estadios successivos de um mesmo fenomeno, *A Anarquia, Ao camponês, meu irmão*, e, de colaboração, *A Anarquia e a Igreja*.

FIGURAS

DA

SOCIAL

* * * *

Colecção ilustrada sobre a vida
dos principais socialistas das diversas
escolas, épocas e países

Sai um folheto de 12 paginas, por mês

A publicar:

**Augusto Blanqui, Luisa Michel, Varlin,
Marx, Proudhon, Lassalle, Tarrida del Marmol,
Bakunine, Ernesto da Silva, etc.**

Cada folheto, avulso, 2 cts.—Assinatura (pagamento
adiantado) por serie de 6 folhetos, 12 cts.

Pedidos e correspondencia: — *Germinal* — rua da
Barroca, 51, 3.º — Lisboa.

GERMINAL

Periodico libertario

Publica-se aos domingos, com a colaboração de Emílio
Costa, Sobral de Campos e outros.

Avulso: Cada numero, 1 ct.—Assinatura (pagamento
adiantado): cada trimestre, 15 cts.

Administração: — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

S|hi